

Crónica de um Povo Pobre e Narcotizado

Publicado em 2025-07-19 20:51:04



Portugal acorda cedo... mas não desperta.

Levanta-se com o galo, mas vive no galinheiro dos conformados.

Faz filas para o pão e para o voto, mas engole ambos com a mesma indiferença.

Anda curvado do lombo e da alma, habituado à mordada da necessidade.

Aqui, a pobreza já não indigna — já virou paisagem.

E o narcisismo do pequeno poder substituiu a esperança.

Pagam-se impostos para sustentar a corte dos incompetentes, e bate-se palmas ao político que, entre um contrato viciado e outro,

manda pintar o campo de futebol ou abre um parque infantil...

— **"É corrupto, mas fez obra."**

Vivemos sob o feitiço suave da propaganda,
um embalo de boletins informativos que vendem progresso com
voz doce.

Mas o progresso é só maquilhagem.

Debaixo das ciclovias e dos metros vazios mora o salário
mínimo,

a casa arrendada sem recibo,

o velhote que escolhe entre os comprimidos ou o jantar.

O povo foi-se anesthesiando devagar, como quem adormece
num banco de jardim ao sol.

Primeiro tiraram-lhe a escola com pensamento livre.

Depois, a saúde que tratava.

Mais tarde, o trabalho com dignidade.

E por fim, deram-lhe um telemóvel e um cartão do continente.

Agora está entretido.

Não pensa, não protesta.

Partilha memes e vai votando nos mesmos de sempre.

Este povo, outrora navegante de mares por descobrir,
hoje navega descontos no Lidl.

Tem heróis no futebol, gurus na televisão,
e um medo atávico de levantar a voz.

Portugal, terra de poetas calados e revolucionários de café,
precisa de acordar da hipnose.

Porque há um país inteiro por reconstruir —
não em betão, mas em carácter.

Um artigo de [Francisco Gonçalves](#), cidadão informado num
país cheio de povo e quase nenhuma cidadania.